



UNIVERSIDADE SUSTENTÁVEL:
PROPOSTA PARA (TRANS)FORMAÇÃO DE
AGENTES MULTIPLICADORES EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL¹

Elisabete Priedols²
Heloisa Helena Priedols³
Marisa Vianna Mesquita⁴

RESUMO

Da simples observação do volume de papel consumido por um estudante durante a sua jornada universitária, levantou-se o questionamento acerca do papel das universidades na formação de indivíduos ambientalmente conscientes. Assim, este trabalho é baseado, inicialmente, no levantamento de dados da percepção ecológica real dos alunos universitários, da Universidade Guarulhos – Guarulhos – SP, quais hábitos trazem e o que esperam da universidade que os acolhe. Experimentalmente, o questionamento foi aplicado com os alunos ingressantes e último-anistas nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas e Licenciatura em Educação Artística, possibilitando um parâmetro entre as expectativas dos recém-chegados e a realidade constatada dos diplomandos. São eles os possíveis atores no processo de formação de futuros cidadãos, e, justamente por essa razão, faz-se necessária a intervenção para sensibilizar sobre a problemática ambiental e para que adquiram responsabilidade participativa, configurando-se em multiplicadores do conhecimento científico. Da análise dos resultados surge a proposta de criação do AUREA – Abraço Universitário à Rede de Educação Ambiental para a

¹ Artigo baseado em Monografia de Conclusão de Curso apresentada à Universidade Guarulhos - UnG, como requisito para a obtenção do certificado de especialização em Educação Ambiental, 2008.

² Mestranda em Educação, Arte e História da Cultura – Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM; Especialista em Educação Ambiental, Licenciada em Educação Artística e Bacharel em Arquitetura e Urbanismo – Universidade Guarulhos – UnG. elisabetepriedols@gmail.com

³ Especialista em Educação Ambiental, Bacharel em Ciências Biológicas e Bacharel em Direito – Universidade Guarulhos – UnG. hhpriedols@gmail.com.

⁴ Doutoranda em Geociências e Meio Ambiente – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP; Mestre em Paleontologia Estratigráfica – Universidade Guarulhos, UnG; Professora Universitária e Pesquisadora – Universidade Guarulhos – UnG. mvmesquita@prof.ung.br

implantação de uma Educação Ambiental emancipatória na Universidade Guarulhos, que envolverá os alunos, corpo docente, funcionários e comunidade, possibilitando ações efetivas que permitam o crescimento como seres humanos responsáveis pelos cuidados ao planeta. Acredita-se que inovando comportamentos, renovando ideias, mudando hábitos, compartilhando experiências e quebrando paradigmas, por meio do afeto, da tolerância, do pensamento complexo e da transdisciplinaridade, o exercício da Cidadania Planetária tornará possível transformá-la em uma Universidade Sustentável.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Sustentabilidade, Cidadania Planetária, Universidade

ABSTRACT

The mere observation of the amount of paper consumed by a student during his university journey, raised the discussion on the university role in the education of environmental conscious individuals. So, this work is initially based on collected data on the real ecological perception of university students of Universidade Guarulhos – Guarulhos – SP, what knowledge they bring and what they expect from the university that welcomes them. Experimentally, the questionnaire was applied to incoming and last-year students in Biological Sciences and Art Education Academic Licentiate, enabling to set a parameter between the expectations of the new-comers and the graduate verified reality. Those students are the leading actors in the process of educating future citizens, and, precisely for this, an intervention is needed so that they awake an hands-on environmental conscience and responsibility, shaping themselves as scientific knowledge multipliers. From the results analyses arises the proposal of AUREA concept – Abraço Universitário à Rede de Educação Ambiental (University Hug to the Environment Education Net), which will open precedents to introduce emancipated Environmental Education in University of Guarulhos, involving students, teachers, staff and community, promoting effective actions to allow people's growth as planet responsible and careful human beings. It is believed that innovating behaviours, refreshing ideas, changing habits, sharing experiences and breaking paradigms, through tenderness, tolerance, complex thought and transdisciplinarity, the practice of citizenship will foment a Sustainable University.

Key-words: Environmental Education, Sustainability, Citizenship, University

Introdução e problematização

O modelo de desenvolvimento econômico que produz a exclusão social gerando miséria e fome é o mesmo que incentiva o consumo, gerando, assim, o desperdício e o excesso de resíduos. A Educação Ambiental surge como um processo de transformação da realidade para tentar minimizar as agressões que o homem vem infringindo ao meio ambiente e, conseqüentemente, a si próprio, com a perda de qualidade de vida.

“É consenso na comunidade internacional que a educação ambiental deve estar presente em todos os espaços que educam o cidadão e a cidadã” podendo, sua prática, “ser realizada nas escolas, nos parques e reservas ecológicas, nas associações de bairro, sindicatos, universidades, meios de comunicação de massa etc.” (REIGOTA, 1994).

Utilizadas há poucas décadas, as expressões Educação Ambiental, Sustentabilidade e Cidadania Planetária ainda são verbetes noviços em nosso vocabulário. Além do conflito de definições e conceitos, observa-se a limitação em suas aplicações, especialmente no ensino superior, quando o aluno já possui maturidade suficiente para tratar a questão ambiental com seriedade e profundidade e deveria ter a oportunidade de desenvolver o assunto da maneira mais completa possível, em todos os seus níveis e possibilidades.

A observação preliminar dos costumes e hábitos diários dos frequentadores do campus

Centro da Universidade Guarulhos demonstra a necessidade emergente de incluir a Educação Ambiental de forma mais completa e ampla na Universidade. Constata-se que, não havendo incentivo pragmático no ensino de terceiro grau, a questão ambiental queda ao segundo e terceiro planos, quando não, ao total abandono.

Traçando-se o perfil ecológico-ambiental do universitário foi possível avaliar o nível de envolvimento, participação e contribuição para o equilíbrio e sustentabilidade do planeta. Os pontos de cegueira encontrados sugerem medidas para combatê-los e alertam para a necessidade de desenvolvimento do pensamento crítico e ético, com projetos transdisciplinares que possibilitem a integração com o meio ambiente acadêmico, (trans)formando cada indivíduo em um agente multiplicador do conhecimento e promotor do ativismo global.

Imperioso agir imediatamente, objetivando estimular nos universitários o amor e a preocupação com o planeta, quebrando paradigmas e desenvolvendo estratégias com incentivos diretos e indiretos da universidade que os acolhe e os prepara para enfrentar as adversidades no mundo, estimulando e promovendo sua evolução em termos de responsabilidade socioambiental, com a criação de um setor dedicado, sobretudo, às ações em Educação Ambiental.

A prontidão necessária à ação está no incentivo à transdisciplinaridade e no despertar do pensamento complexo, que transformará meros alunos universitários em seres humanos diligentes, engajados e propulsores do conhecimento ambiental adquirido.

Partindo-se da premissa de que só se protege aquilo que se ama e só se ama aquilo que se conhece, vem a universidade retomar o seu papel fundamental na transmissão do conhecimento, na sensibilização, no envolvimento e no despertar dos novos agentes em prol de um meio ambiente saudável, de maneira ética e responsável.

É com esse propósito transformador que o presente trabalho é apresentado.

O papel da Universidade e a Mudança de pensamento

Capra (1996) afirma que “o reconhecimento de que é necessária uma profunda mudança de percepção e de pensamento para garantir a nossa sobrevivência ainda não atingiu a maioria dos líderes das nossas corporações, nem os administradores e os professores das nossas grandes universidades”.

É preciso substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une. É preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo, no sentido originário do termo *complexus*: o que é tecido junto (MORIN, 2003, grifo do autor).

“É complexo o que não pode se resumir numa palavra-chave, o que não pode ser reduzido a uma lei nem a uma ideia simples” (MORIN, 2006).

A supremacia do conhecimento fragmentado de acordo com as disciplinas impede freqüentemente de operar o vínculo entre as partes e a totalidade, e deve ser substituída por um modo de conhecimento capaz de apreender os objetos em seu contexto, sua complexidade, seu conjunto (MORIN, 2000).

Tristão (2004) enfatiza a grande afinidade da Educação Ambiental com esse modo de pensar. É à luz da complexidade que a Educação Ambiental se “propõe a romper barreiras preestabelecidas pelo conhecimento acadêmico”.

Aqui emergem os visionários, os idealistas, os profetas e os formuladores de novas utopias. Suas imagens são idealísticas, sim, mas não estão erradas. Elas representam o que deve ser e o que, efetivamente, precisamos (BOFF, 2005).

Não obstante a legislação específica aplicada à Educação Ambiental seja eficaz, ampla, que abrange todos os níveis de educação, incluindo-se a informal, observa-se que sua aplicação ainda esbarra em uma série de cartesianismos e paradigmas tão arraigados que impedem o desabrochar da Educação Ambiental como deva ser, de forma plena e equânime.

Impõe-se reduzir essa distância entre o texto de lei e sua aplicabilidade de fato.

Encontramos o sentido ao caminhar, vivenciando o contexto e o processo de abrir novos caminhos; não apenas observando o caminho. (GADOTTI, 2000).

No Brasil, muito se ponderou sobre a inclusão, ou não, da Educação Ambiental como uma disciplina nos currículos escolares. Mas, em 1997, “o debate sobre a disciplinarização da educação ambiental ganha um desfecho final com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs” (SAITO, 2002) nos quais a dimensão ambiental é inserida como um tema transversal no ensino fundamental e médio, “para evidenciar a necessidade de um trabalho vinculado aos princípios de dignidade do ser humano, da participação, da co-responsabilidade, da solidariedade e da equidade” (BRASIL, 1997).

Resta-nos projetar, nas Universidades, a aplicabilidade da Educação Ambiental propriamente dita, aquela que transforma e cria novos caminhos.

Como catalisadoras do metabolismo intelectual, imersas em suas preocupações acadêmicas, focadas na produção científica para fins autopromocionais, as universidades ainda reagem de forma tímida, como se nada tivesse mudado (DIAS, 2006).

A maioria de suas práticas “ainda revelam uma visão autocentrada, fragmentada e desconectada dos reais desafios sócio-ambientais da sociedade” (Ibid.).

No Brasil, a maior parte das iniciativas para uma “universidade sustentável” tem incidido, sobretudo, na ambientalização dos currículos e no incremento da investigação ambiental, com pouco respaldo dos principais decisores, e, na quase ausência de políticas públicas integradoras de educação e sustentabilidade.

[...]

Logo, a ambientalização da universidade não se restringe ao âmbito de um processo de mudanças nos professores e nos currículos das disciplinas, requerendo um re-dimensionar das questões ambientais para além desses dois universos; ela abrange um novo foco de atenção à universidade como um todo: seus professores, gestores, alunos, funcionários, departamentos, cursos, currículos, disciplinas, estágios, projetos de pesquisa e de extensão, a comunidade local e regional onde a universidade está inserida. (SILVA; MARCOMIN, 2009).

Porém, de nada adianta inculcar ideias novas ou renovadas, revolucionárias ou não, se o pensamento ainda permanece estacionado e os métodos de ensino não acompanham o dinamismo com que ocorrem as mudanças do mundo.

Neste momento de encruzilhada, a esperança está na universidade. É necessário que ela se transforme e reinvente a si própria, para servir a um projeto alternativo de civilização. Quase oito séculos e meio se passaram desde a criação da universidade e, hoje, ela se encontra bem no meio da encruzilhada civilizatória que irá definir os rumos do futuro (BUARQUE, 2003).

Ainda para Silva e Marcomin (2009), para o desenvolvimento da questão ambiental na universidade é imperioso motivar e desencadear processos reflexivos, formativos e informativos, com a discussão de valores, revisão de comportamentos, hábitos e atitudes e, acima de tudo, a revisão da concepção que o homem tem de si mesmo e do outro.

Tozzoni-Reis (2001) alertou que a

formação dos educadores ambientais no ensino superior se dá de forma assistemática, resumindo-se praticamente a três tipos de ação desconectadas: tratamento de temas ambientais nas disciplinas afins, disciplinas optativas de Educação Ambiental e formação educativo-pedagógica – nas diferentes especialidades – oferecida pelas disciplinas da área de Educação nas licenciaturas.

Segundo Tristão (2004), a universidade deve abrir as portas para o mundo exterior e abraçar a busca de definições práticas para a problemática social, como forma de resgatar seu papel perante a sociedade, com o conhecimento da população local e com o compromisso necessário a garantir o respeito pelos princípios da sustentabilidade.

A essa altura, a dimensão ambiental já deveria estar incorporada em todos os cursos e em todas as ações dessas instituições. Tal processo ainda ocorre de forma pontual, muitas vezes sob forte oposição e conduzido por alguns abnegados. Mudar o que está estabelecido há décadas fere interesses pessoais e corporativos, desestabiliza feudos e incomoda os acomodados. Todas as instituições de educação e ensino já

deveriam abrigar, em sua estrutura e função, uma política ambiental definida, com Programas de educação ambiental como instrumento de gestão ambiental (DIAS, 2006).

No Brasil, ações para buscar soluções sustentáveis para todos os impactos gerados pela atividade do ensino superior ainda são mínimas. Algumas universidades públicas criaram Centros ou Núcleos de Educação Ambiental. Outras realizam atividades pontuais em determinadas datas cívicas, sem grande extensão.

Destaca-se, aqui, o modelo aplicado com excelência por Dias (2006), que implementou um Programa de Educação Ambiental na Universidade Católica de Brasília (PEA-UCB).

Incorporando elementos de gestão ambiental, a proposta gerou impactos positivos na mudança do pensamento e na sensibilização e transformação individual e coletiva, com a racionalização dos recursos, projetos de recuperação e conservação do ambiente, práticas de compostagem e coleta seletiva, envolvendo corpo de voluntários e apoio de parceiros.

A Universidade Guarulhos (UnG) (www.ung.br) é instituição renomada com quarenta anos de experiência no ensino superior, com visão de futuro e princípios que abraçam a responsabilidade socioambiental com alto grau de investimentos estruturais e na qualidade dos serviços oferecidos, sempre objetivando o melhor desenvolvimento de seus acadêmicos com competência e maestria.

Dentro desse cenário, vislumbra-se a inclusão da Educação Ambiental como prática constante e eficiente, de maneira pró-ativa e reflexiva, que proporcionará ainda maior destaque no universo acadêmico.

Metodologia

Com a finalidade de levantar dados e traçar o perfil ecológico do acadêmico da Universidade Guarulhos, foi aplicado um questionário (ANEXO 1) aos alunos de ambos os sexos e períodos, das turmas iniciais e último-anistas nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas e Licenciatura em Educação Artística do campus Centro.

Foram escolhidos esses dois cursos para amostragem, pois o primeiro tem uma grande abrangência na questão ambiental, tratando de assuntos atuais como desenvolvimento sustentável, conservação da biodiversidade e recursos naturais, além do estudo da vida em todas as suas formas e ciclos, do surgimento ao perecer. É o curso que mais se aproxima da realidade que se espera alcançar, incluindo entre as disciplinas a serem cursadas a cadeira de Educação Ambiental, ensinada de maneira teórica e prática.

Quanto à Educação Artística, acreditam as autoras ser a melhor maneira de aproximar,

sensibilizar e envolver os acadêmicos, uma vez que a arte é a exteriorização dos pensamentos, sonhos e ideais humanos. Segundo Sato (2006) “tanto as ciências como as artes pertencem à ordem do caos antes de serem externadas pelos sujeitos”.

A divisão entre primeiro-anistas e último-anistas fez-se necessária, pois possibilitou melhor interpretação dos dados coletados, bem como a avaliação do papel e da influência da universidade na formação acadêmica.

O questionário era composto de 28 questões (ANEXO 1), sendo duas questões de identificação do curso e faixa etária do público-alvo e as demais inspiradas nas determinantes da pegada ecológica individual⁵ (GLOBAL FOOTPRINT NETWORK), com possibilidade de resposta sim ou não, sendo apenas as duas últimas de múltipla escolha, que permitiam assinalar mais de uma opção.

De uma forma geral, as perguntas elencadas no questionário –a grande maioria relacionada ao consumo e estilo de vida de cada indivíduo– foram selecionadas objetivando abranger um maior número de ações que demonstrassem o grau de conscientização e sensibilização ambiental de cada aluno, bem como possibilitassem, de imediato, durante sua aplicação, uma auto-avaliação dos pequenos hábitos cotidianos cujas simples mudanças podem fazer a diferença a curto, médio e longo prazo.

Os questionários foram aplicados para os dois cursos, em novembro de 2007 para as turmas formandas e em março de 2008 para os calouros, por um professor de cada curso.

Os dados coletados foram interpretados com auxílio do levantamento bibliográfico realizado e serviram de embasamento à elaboração de estratégias e sugestões para inclusão da Educação Ambiental no cotidiano acadêmico da Universidade Guarulhos de forma participativa e agregadora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Identificação

Foram aplicados, no total, 264 questionários, distribuídos entre acadêmicos –último-anistas e primeiro-anistas– dos cursos de Educação Artística (30,68%) e Ciências Biológicas

⁵ Para Dias (2002) *apud* Dias (2006): “Pegada Ecológica é a área de terra ecoprodutiva que uma pessoa precisa para sustentar o seu consumo e absorver os seus resíduos. Logo, depende do seu padrão de consumo”. Ou seja, Pegada Ecológica nada mais é que um parâmetro utilizado pelos ambientalistas para determinar, de acordo com o estilo de vida pessoal, quantos planetas seriam necessários se todos os seus habitantes resolvessem seguir o mesmo padrão de vida, como forma de alertar para os exageros no consumo, contribuições individuais para geração de resíduos e poluição e o desperdício de recursos naturais, além de identificar os pontos de cegueira ambiental, permitindo a avaliação e a mudança necessárias. (http://www.footprintnetwork.org/gfn_sub.php?content=calculator)

(69,32%). Algumas questões foram deixadas em branco por alguns entrevistados, mas, de uma forma geral, não influenciaram a avaliação ou o resultado final.

Levantou-se que 88% estão na faixa etária compreendida entre 17 e 30 anos de idade e apenas 12% com idade superior a 38 anos. Observou-se que a grande maioria é jovem e há maior equilíbrio etário no curso de Educação Artística.

Itens de consumo

Percebeu-se uma grande disparidade nas respostas apresentadas quanto aos itens de consumo. Mais de 70% têm o hábito de ler o rótulo dos produtos consumidos, no entanto, mais de 90% dos entrevistados desconhecem a política de funcionamento das empresas fabricantes, e a grande maioria, também, não sabe precisar a origem desses produtos, denotando uma provável falta de interesse ambiental nessas questões.

Mais da metade dos entrevistados dão preferência aos produtos advindos de meios de cultura orgânicos, uma vez que esta é sustentável e amplamente incentivada pela mídia, por todos seus benefícios, apesar de ser, ainda, economicamente inviável. Porém, mais de 60% têm a alimentação composta por uma maioria de produtos industrializados, com destaque aos último-anistas de ambos os cursos (66%) em total discrepância da questão anterior.

Em contrapartida, significativos 80% dos alunos responderam que consomem carne mais de duas vezes por semana, provavelmente por não estarem familiarizados com os métodos de abate e produção e as consequências ambientais dos produtos de origem animal, sem mencionar as questões espirituais, éticas, econômicas, sociais e morais desse ato.

Como bem salientou o sociólogo Peter Singer (2004),

é a destruição das florestas que se revela a maior de todas as loucuras cometidas em nome da procura de carne. Em termos históricos, foi o desejo de obter terrenos para pastagens que constituiu o principal motivo para o abate de árvores. Ainda é assim. Na Costa Rica, na Colômbia, no Brasil, na Malásia, na Tailândia e na Indonésia, são abatidas partes de florestas tropicais para se conseguir terra para pastagens. Mas a carne do gado assim alimentado não beneficia os pobres desses países. Ao invés, é vendida aos ricos das cidades ou exportada. Nos últimos vinte e cinco anos, destruiu-se quase metade das florestas tropicais da América Central, em grande parte para fornecer carne de vaca à América do Norte. Talvez 90 por cento das espécies animais e vegetais do nosso planeta vivem nos trópicos, não tendo sido ainda muitas delas identificadas pelos cientistas. Se o abate de árvores prosseguir à escala atual, serão levadas à extinção. Além disso, há ainda outras consequências: o abate de árvores provoca erosão e o aumento da escorrência leva a inundações, os agricultores já não têm madeira para utilizar como combustível e as chuvas podem diminuir.

Hábitos

Intermediando os produtos de consumo e o descarte final dos resíduos, a maneira como as compras são realizadas trouxe números preciosos à pesquisa. Uma ínfima parcela dos

entrevistados (menos de 10%) utiliza sua própria sacola nas compras de supermercado, destacando-se, apenas, os estudantes último-anistas de Biologia, entre os quais 14% têm esse correto hábito ambiental, ressaltando-se que estes já passaram pelas aulas de Educação Ambiental como disciplina obrigatória para conclusão do curso de Ciências Biológicas.

Mesmo sendo conhecidas e amplamente divulgadas pela mídia as consequências ecológicas do excesso de plástico descartado das conhecidas “sacolinhas de supermercado”, que demoram milhares de anos para se decompor, estas são utilizadas como saco de lixo por mais de 90% dos alunos.

Atualmente no Brasil são consumidas mais de 12 bilhões de sacolas plásticas por ano. Em média, cada brasileiro usa 66 sacolas plásticas por mês, o que significa que cada um de nós acaba por jogar no lixo cerca de 800 sacolas plásticas ao longo de um ano. Ao adotar a sacola retornável em suas compras cotidianas, os consumidores podem ajudar a prevenir todos esses impactos negativos no meio ambiente e na sociedade (INSTITUTO AKATU).

Os problemas ambientais advindos do descarte de resíduos plásticos provenientes das sacolas não-retornáveis são tão abrangentes que as próprias indústrias fabricantes já começaram a movimentar-se em busca de soluções menos impactantes.

A produção e o descarte de resíduos somam-se aos grandes problemas ambientais urbanos da atualidade.

Deitar fora descuidadamente materiais que podem ser reciclados é uma forma de vandalismo, é roubar recursos do planeta que são nossa propriedade comum. Assim, os diversos guias e livros do “consumidor verde” sobre as coisas que podemos fazer para salvar o nosso planeta -reciclando o que usamos e comprando os artigos ambientalmente mais inócuos possível- fazem parte da nova ética que se torna necessária (SINGER, 2002).

Pela análise dos questionários pode-se constatar que existe a preocupação de metade dos respondentes na separação do lixo produzido, de origem orgânica ou não; na utilização correta das lixeiras de coleta seletiva e no descarte de óleo de cozinha usado. Porém, ainda não satisfatória à vista da gravidade e da dimensão de suas consequências.

Interessante chamar a atenção para uma expressiva ação dos estudantes de Educação Artística último-anistas para essas questões, em especial a separação de lixo orgânico (59%), organização de lixo reciclável para a coleta seletiva (51%) e o descarte de óleo de fritura (54%), além da reutilização de recipientes de plástico ou vidro (80%).

Muito embora os alunos tenham respondido positivamente e de maneira significativa (mais de 80%) quanto à utilização das lixeiras⁶ de coleta seletiva da universidade, a realidade

⁶ Nota das autoras: as lixeiras coloridas destinadas à coleta seletiva foram removidas em abril de 2008, sendo substituídas por uma única lixeira na cor verde, destinada para coleta de todos os resíduos recicláveis, para serem encaminhados à Cooperativa de Catadores da cidade de Guarulhos.

fática observada não condiz com esse percentual. As lixeiras disponibilizadas eram realmente utilizadas, porém de maneira incorreta, com descarte conjunto de resíduos recicláveis, orgânicos e lixo comum, prejudicando o trabalho de separação e a destinação final dos resíduos recicláveis.

No quesito utilização de energia, observou-se uma atuação mais direta e eficiente dos indivíduos. Quase a totalidade (96%) preocupa-se em apagar a luz ao deixar o ambiente e 83% prefere as escadas ao elevador para percorrer pequenas distâncias. A expressiva resposta pode estar diretamente associada aos projetos governamentais de controle do consumo da energia elétrica, sob ameaça de “apagão” e penalizações financeiras para aqueles que ultrapassassem os limites estabelecidos.

Notou-se ainda, com referência à energia, que mais de 65% dos alunos dão preferência à utilização de baterias e pilhas recarregáveis, com maior durabilidade, evitando, assim, o descarte excessivo desse tipo de produto no meio ambiente.

Entretanto, uma parcela mínima de alunos procura retornar as baterias e pilhas aos fabricantes, sendo que dos 32% de alunos que não utilizam material recarregável, mais de 80% não retornam as pilhas e baterias inutilizadas ao fabricante.

A Resolução 257, de 30 de junho de 1999, do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), determina a quantidade máxima de elementos químicos prejudiciais à saúde humana constituintes das pilhas e baterias, entre eles chumbo, cádmio e mercúrio, e autoriza o descarte dos produtos comuns que atendam o limite dessa legislação no lixo doméstico destinado aos aterros sanitários regularizados (BRASIL, 1999).

Não obstante essa determinação, observou-se que não há preocupação dos alunos em obterem informações mais precisas nesse quesito, o que vem corroborado pelas respostas dadas nas questões referentes ao desconhecimento da política de funcionamento da empresa fabricante dos produtos consumidos e da origem do produto adquirido.

Além do consumo exacerbado e da produção de resíduos decorrentes desse hábito, os recursos hídricos também têm recebido grande destaque neste século, atentando para uma futura escassez da água potável, o que poderá ocasionar um grande colapso mundial.

Dias (2006) inicia seu trabalho literário sobre Educação e Gestão Ambiental colocando em destaque a questão da água:

A próxima guerra será por causa da água. Essa frase era comumente empregada quando alguém queria se referir à necessidade de se produzir mudanças no comportamento, hábito ou atitude das pessoas, das instituições e das autoridades, em relação ao meio ambiente e ao uso dos seus recursos naturais.

Hoje, essa frase apresenta-se inadequada, desatualizada. São 36 nações em guerra

por causa da água. Cerca de 60 nações estão em conflito desde o início da década de 1990. A guerra por causa da água é uma realidade. Nos próximos 25 anos, metade da população humana terá limitações sérias para o acesso à água potável.

E essas limitações já afetam toda a humanidade e todas as formas de vida do planeta. As respostas apresentadas para a questão hídrica demonstraram, mais uma vez, conflitos entre suas possibilidades de uso e economia. Mais de 90% dos respondentes têm o hábito de fechar a torneira enquanto realiza sua higiene bucal, porém, 55% dos alunos levam mais de 10 minutos para tomar banho.

Comportamento

O questionário continha três questões referentes exclusivamente ao comportamento individual dos alunos e sua interação com a coletividade, como maneira de avaliar o interesse de cada um pelas relevantes questões socioambientais e o grau e a disponibilidade de envolvimento. Tais questões têm relação direta com os cuidados individuais com a saúde e o bem-estar, a manifestação do afeto, a capacidade de doação, o altruísmo e a vontade individual de manter-se como participante pró-ativo da sociedade, manifestações indispensáveis à Educação Ambiental.

Menos de 20% dos alunos têm o hábito de fumar, demonstrando que as campanhas realizadas têm surtido efeito e a tendência é que esse número caia cada vez mais. Vinte e seis por cento realiza trabalho voluntário sendo que apenas 9% dos estudantes de Biologia primeiro-anistas têm essa prática. Porém, 47% do total de respondentes demonstrou interesse em participar de um projeto de educação ambiental.

Quanto ao acesso à faculdade, verificou-se que a grande maioria utiliza-se do transporte público (193 alunos) e, em segundo lugar, dirigindo veículo próprio. Uma pequena parcela vem à universidade a pé ou de bicicleta e, finalmente, um valor quase inexpressivo utiliza-se de carona. Observando com mais cautela, vislumbrou-se que 27 estudantes de Biologia último-anistas vêm à faculdade em seu próprio veículo, ao passo que apenas seis de seus colegas pegam carona. Em contrapartida, apenas três estudantes primeiro-anistas de Biologia utilizam carro para vir à faculdade e oito deles vêm de carona, demonstrando novas possibilidades quanto à futura instituição de um programa de carona solidária, extensível a outros cursos que não aquele do “caroneiro”.

Poucas atividades diárias são mais cúmplices com a destruição do planeta do que o uso do automóvel. A cada quilômetro que dirigimos, ou a cada litro de gasolina que compramos, nós não estamos apenas sujando o ar e contribuindo para o aquecimento global, mas estamos apoiando as guerras pelo petróleo e a destruição dos habitats e

culturas indígenas pela exploração, perfuração, e projetos de oleodutos. A cultura do carro promove o crescimento da periferia suburbana, um dos grandes contribuintes da perda de habitat no mundo (WEISSMAN, 2006).

Conhecimento

Finalmente, com relação aos conhecimentos ambientais, 93% dos estudantes de Biologia último-anistas sabem o que é “pegada ecológica”, contra 20% dos estudantes de Educação Artística e 16% dos primeiro-anistas de Biologia. Já sobre o tema “desenvolvimento sustentável”, 87% dos estudantes último-anistas de Biologia sabem defini-lo, com uma diferença menor entre os demais estudantes. Contudo, pode-se observar que tal informação é mais difundida além das salas de aula, uma vez que 69% dos estudantes de Biologia e 49% dos estudantes de Educação Artística, ambos primeiro-anistas, podem defini-la, também.

Cento e doze entrevistados informaram que a maior referência para a aquisição de conhecimentos e hábitos ambientais foi a universidade. Entretanto, observou-se que 86 dos 115 estudantes de Biologia último-anistas entrevistados escolheram essa alternativa, advindo daí tamanha expressividade da resposta.

Dos 264 alunos entrevistados, 80 obtiveram informações ambientais pela mídia e 74 em casa, abrindo-se, assim, um imenso leque de opções para que a Universidade torne-se mais atuante como importante veículo das transformações humanas para com o meio ambiente, reduzindo a distância entre o acadêmico de qualquer curso e as questões ambientais, promovendo a Educação Ambiental em sua mais ampla possibilidade.

Destarte, dentro dos modelos já conhecidos e aplicados com maestria e eficiência, adequando-os às necessidades específicas da Universidade Guarulhos, vêm as autoras propor medidas que visem envolver os alunos, o corpo docente e os funcionários por intermédio da Educação Ambiental, possibilitando que os incentivos sejam suficientes para entusiasmar, favorecer e garantir a sua aplicabilidade dentro e além das fronteiras universitárias de maneira constante, progressiva e duradoura.

Tais medidas trarão maior destaque à Universidade Guarulhos no cenário atual como instituição ambientalmente responsável, melhorando sua imagem e ampliando suas possibilidades de marketing, proporcionando um crescimento de forma positiva em todos os aspectos, especialmente sociais e econômicos.

PROPOSTA DO AUREA

Do latim aureu, a palavra áurea diz respeito a tudo que é relativo ao ouro, nobre, valioso, brilhante e magnífico.

Dentro da preciosidade desse significado e do incentivo ao desabrochar do afeto e da acolhida como forma de imbuir a Educação Ambiental na Universidade Guarulhos, as autoras propõem a criação do **Abraço Universitário à Rede de Educação Ambiental – AUREA**, que possibilitaria organizar todos os projetos e ações, tornando-se ponto de referência aos alunos, corpo docente, funcionários e comunidade.

O abraço foi escolhido como figura metafórica da integração e da receptividade de todas as ideias, pois é pelo abraço que se manifesta o amor e é o envolver com os braços que traz a certeza e o conforto de que cada ser, em toda sua individualidade, pertence ao cosmo.

O Brasil tem hoje cerca de 45 redes de Educação Ambiental, estaduais, municipais, regionais e temáticas, que proporcionam intercâmbio de informações e estímulo às ações⁷. Ao apoiá-las, com a disponibilização de um setor específico, a Universidade assume seu papel de propulsora do conhecimento e enfatiza seu propósito empreendedor na formação de cidadãos inovadores e responsáveis no que diz respeito às questões socioambientais.

Ao AUREA⁸ caberá exercer a função organizadora das ações em Educação Ambiental, alicerçando, sugerindo, coordenando, apoiando, propondo, estruturando e monitorando as intervenções na e pela Universidade Guarulhos.

As atividades do AUREA serão transdisciplinares, às quais os alunos de todos os cursos terão acesso e poderão contribuir dentro de seus conhecimentos profissionais específicos para a concretização dos projetos, agregando experiências que serão levadas à comunidade, reforçando as linhas das Redes de Educação Ambiental.

Ações do AUREA

A título de sugestão, quando da implementação do AUREA na Universidade, como forma de complementar o presente trabalho, seria de bom alvitre o levantamento dos dados apresentados no questionário em todos os campi, com todos os alunos e funcionários, objetivando ter um perfil ecológico completo que possibilite destacar em quais pontos as ações de Educação Ambiental são mais urgentes.

⁷ Fonte: <http://www.rebea.org.br>

⁸ As autoras optaram, no momento, em não estenderem à criação do AUREA as questões burocráticas e eventuais estatutos ou normas internas de funcionamento e estruturação, deixando-as para serem discutidas em momento oportuno.

Bosque universitário

Este trabalho iniciou-se da simples observação acerca do consumo exacerbado de papel pelo acadêmico nos anos de duração de seu curso. Como medida compensatória a todo esse consumo, na forma de licença poética, sugere-se a criação de um Bosque Universitário.

Cada turma, quando da conclusão de seu curso, seria responsável pelo plantio de uma árvore em área a ser determinada. A médio prazo, o bosque se tornaria ponto de referência para atividades de Educação Ambiental ao ar livre e lazer para a comunidade. A longo prazo, com seu crescimento e desenvolvimento, o bosque pode vir a tornar-se abrigo de fauna da região, possibilitando a realização de inúmeros trabalhos científicos pelos próprios acadêmicos.

Semana sustentável

Atualmente, a Universidade Guarulhos realiza durante o ano semanas temáticas referentes aos cursos que administra. Visando reunir os acadêmicos para uma sadia e compensadora experiência, envolvimento e socialização com outros acadêmicos além de seu curso, troca de conhecimentos, crescimento integral e atualização acerca das questões ambientais, propõe-se a criação da Semana Sustentável, extensível a todos os alunos, corpo docente e funcionários, com diversas atividades integradoras, como cursos, palestras, *workshops*, atividades físicas e de recreação, apresentação de trabalhos, mercado de troca, exibição de vídeos, concursos, entre outras.

Me leva que eu vou

Objetivando reduzir os impactos ambientais e os custos com combustível causados pela locomoção solitária, contribuir para amenizar o caótico trânsito e ampliar a rede de contatos com a aproximação de pessoas, sugere-se um programa de carona solidária, criando-se um cadastro na Universidade, com pessoas interessadas em oferecer ou receber carona.

Da entrada na universidade

Para o acadêmico que está ingressando na universidade, o ensino superior é um mundo novo, repleto de descobertas, facilitando a inserção de novos hábitos, podendo o AUREA inserir no manual do aluno orientações para atitudes ecologicamente saudáveis durante e após sua passagem pela Universidade.

Na recepção dos alunos ingressantes, o Trote Verde proporcionaria as primeiras práticas em Educação Ambiental, estimularia a socialização dos alunos e daria início ao processo de sensibilização desejado. Contaria com atividades pacíficas, transformadoras e de apoio à

comunidade local.

Brindes

A Universidade Guarulhos é referência para realização de eventos como congressos e encontros de iniciação científica, ocasião em que são distribuídos *kits* para auxiliar nas atividades. Além desses *kits*, durante as atividades do AUREA e até nas inscrições, sugere-se a criação de brindes que possam ser distribuídos de forma a auxiliar na contenção do uso excessivo de materiais descartáveis, como canecas plásticas e sacolas de pano com o logotipo da Universidade.

Mudanças estruturais

A Universidade Guarulhos demonstra estar preocupada com as questões ambientais. Tal fato é demonstrado pela recente troca das lâmpadas das salas de aula e corredores por modelos mais funcionais e econômicos e pela instalação de novas lixeiras de coleta seletiva. Entretanto, depois de diagnosticadas pelo AUREA, muitas outras mudanças poderão ser realizadas a diferentes prazos, de forma a melhorar ainda mais o ambiente acadêmico, proporcionando redução nos gastos, qualidade de vida e preservação ambiental.

Comunicação Visual

A comunicação visual é precisa, direta e eficiente. Assim, investindo-se em cartazes e outros itens, é possível atingir a todos os que passam pela Universidade diariamente, sem a necessidade de uma intervenção direta. Essa intervenção pode ser feita, também, com a disponibilização de um *cyber* espaço no *website* da Universidade.

Casulo de ideias

A determinação de um ponto fixo que sirva de referência para a divulgação de ações em Educação Ambiental que já produzam seus efeitos, juntamente com um coletor de ideias, é proposta para que todos possam participar ativamente do AUREA.

Auditorias

Para garantir a continuidade, a realização de auditorias para monitorar as transformações e diagnosticar novos pontos para inserção de projetos e atividades, com emissão de relatórios com recomendações, metas e prioridades, faz-se necessária para registrar todas as ações e seus resultados.

Do corpo docente

Periodicamente, realizar atividades com o corpo docente por meio de amparo à equipe pedagógica, com a finalidade de gabaritar os professores para atuar, inovar e instigar as

habilidades dos futuros agentes multiplicadores, tornando-se, eles próprios, agentes da Educação Ambiental.

Da flexibilidade das regras

Por ocasião da conclusão do curso, o acadêmico deve produzir trabalho escrito a ser apresentado para uma banca constituída pelo corpo docente. Além do original encadernado em capa dura, deve apresentar cópias encadernadas em espiral, em três vias ou mais. A inserção de um curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental deveria ser acompanhada de uma flexibilidade nas regras de apresentação, entre elas a possibilidade de apresentação dos trabalhos impressos em papel reciclado e das cópias simples em impressão frente e verso, como forma de demonstrar que o curso produziu os efeitos de transformação do indivíduo em prol da consciência e da sensibilização ambiental, permitindo que o acadêmico coloque em prática a máxima “Pensar globalmente, agir localmente”.

Considerações Finais

Os dados levantados na pesquisa permitem inúmeras interpretações e comparações, porém, de uma forma geral, apontam um mesmo horizonte, o de uma sociedade permeada por conflitos entre os interesses individuais e as transformações que se almejam.

Tratando-se de questionamentos referentes aos itens de conforto e hábitos já inseridos no cotidiano, presume-se certa comodidade e resistência às mudanças de valores e atitudes em prol da Cidadania Planetária. A sensação que se tem, muitas vezes, é que um hábito ambientalmente saudável justifica outro não tão saudável, com o típico pensamento “se eu economizo aqui, posso gastar mais lá” ou ainda “o lixo que produzo é tão mínimo que não fará a diferença”, denotando certo egoísmo e despojo típicos do ser humano às questões que não influenciam direta e imediatamente suas ações.

Contudo, já é possível constatar que tais mudanças estão ocorrendo, de maneira tímida e contida, mas, dadas as dificuldades do processo transicional, devem ser incentivadas e acrescidas de novas visões.

Toda mudança passa por um período de caos para posterior reordenamento. É preciso desconstruir para que a reconstrução seja agregante e potencializada. E, mesmo que de forma lenta e imperceptível, ela ocorre. É nesse momento que a humanidade se encontra.

Da análise de todas as respostas, observa-se que o estudante da Universidade Guarulhos está preocupado com as questões ambientais e, dentro de seus conhecimentos, busca contribuir para um meio ambiente saudável e equilibrado. Entretanto, observa-se também que

embora conscientizado dessas questões e familiarizado com elas, há certa incongruência em algumas respostas, que denotam baixo grau de sensibilização ambiental do acadêmico, em especial nas questões referentes ao consumo e à produção e descarte de resíduos.

Ao contrário do que se esperava, não houve grande diferença nas respostas fornecidas pelos alunos último-antistas de Biologia demonstrando que mesmo um curso voltado para as Ciências Ambientais não tem por si só o condão de sensibilizar e transformar hábitos e atitudes.

Nota-se, assim, a enorme lacuna disponibilizada para a inserção de uma Educação Ambiental prática e eficiente, nos moldes de todo o já discutido.

O grande desafio de muitas instituições é desvencilhar-se das ações pontuais e promover ações mais completas e a longo prazo, que tenham como objetivo a transformação individual que remeta à sustentabilidade.

A sustentabilidade desejada não vislumbra o início de uma nova comunidade universitária a começar de um marco zero. Deve ter como prerrogativa conhecer e reconhecer seu aluno, valorizar sua história, agregar conhecimentos e compartilhar experiências. Uma Universidade Sustentável deve acolher com afeto e incentivo, encantar, fornecendo meios para que este se desenvolva ambientalmente de maneira ampla, sensível às questões éticas planetárias, com senso crítico apurado e engajamento suficiente para ir além da teoria, exercendo a prática reflexiva da Educação Ambiental emancipatória.

Ao apaixonar-se, com admiração e orgulho por seu ambiente, com o prazer de sentir-se parte deste meio, o indivíduo é impelido a cuidar, permitindo a aplicabilidade da Educação Ambiental não só dentro do campus, mas em toda a comunidade do entorno, dentro do seio familiar, de sua cidade e assim progressivamente, pois sentirá a necessidade de compartilhar os conhecimentos e as boas sensações adquiridas.

O cuidado é aquela condição prévia que permite o eclodir da inteligência e da amorosidade, o orientador antecipado de todo comportamento para que seja livre e responsável, enfim tipicamente humano. Cuidado é gesto amoroso para com a realidade, gesto que protege e traz serenidade e paz. Sem cuidado, nada que é vivo sobrevive. O cuidado é a força maior que se opõe à lei da entropia, o desgaste natural de todas as coisas, pois tudo de que cuidamos dura mais (BOFF, 2003).

Parafraseando Leonardo Boff (2005), que sabiamente coloca a hospitalidade – juntamente com a convivência, a tolerância e a comensalidade – como uma das virtudes necessárias para um mundo possível, o mundo com o qual a humanidade sonha, a Educação Ambiental é ao mesmo tempo o motor e o combustível para todas essas mudanças.

Atualmente, a universidade é apenas um trampolim para o mundo profissional. Os alunos que por ali passam entram desconhecidos e saem anônimos, sem deixarem suas marcas, sem passarem por grandes transformações, salvo raros destaques. Muito embora tenha se estruturado para atender totalmente ao aluno, este ainda não se sente parte integrante da Universidade. Cabe a ela, com o apoio e a base da Educação Ambiental, promover a metamorfose necessária e tornar-se referência ilustre para todos os campos da vida humana e não apenas um mero instrumento para os fins profissionais almejados.

E, como sabiamente concluiu Orr (2006),

o vínculo a um lugar se desenvolve em segredo, num processo em que meras palavras e pensamentos dão lugar a algo mais profundo. Com o tempo, as fronteiras entre a pessoa e o lugar podem se tornar quase imperceptíveis.

[...]

Eu duvido que um dia cheguemos a amar o planeta como alguns dizem que amam, mas sei que podemos aprender a amar lugares específicos. Eu acredito que para uma civilização se tornar humana, justa e sustentável é preciso a mesma dose de amor, competência e prudência que o amor por certos lugares requer. Eu acredito que, longe de ser uma relíquia rara de tempos idos, o amor pelo lugar e a aceitação da disciplina que esse lugar impõe se mostrarão essenciais para que haja um futuro decente.

REFERÊNCIAS

BOFF, L. *Virtudes para um outro mundo possível, vol. I: hospitalidade: direito e dever de todos*. Petrópolis: Vozes. 199 p. 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: meio ambiente, saúde*. v. 9. Brasília: MEC/SEF, 1997. 128 p.

_____. Ministério do Meio Ambiente. *Resolução n. 257*, de 30 de junho de 1999. Estabelece que pilhas e baterias que contenham em suas composições chumbo, cádmio, mercúrio e seus compostos, tenham os procedimentos de reutilização, reciclagem, tratamento ou disposição final ambientalmente adequados Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 22 jul. 1999. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res99/res25799.html>>. Acesso em: 02 jul. 2008.

BUARQUE, C. *A universidade numa encruzilhada*. In: UNESCO Brasil. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, 2003. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001363/136394por.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2008.

CAPRA, F. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix. 256 p. 1996.

DIAS, G. F. *Pegada ecológica e sustentabilidade humana*. São Paulo: Gaia, 2002. *apud* _____. *Educação e gestão ambiental*. São Paulo: Gaia. 2006. 119 p.

_____. *Educação e gestão ambiental*. São Paulo: Gaia. 119 p. 2006.

GADOTTI, M. *Pedagogia da Terra: ecopedagogia e educação sustentável*. São Paulo: Peirópolis, 2000. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/torres/gadotti.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2008.

GLOBAL FOOTPRINT NETWORK - *Advancing the Science of Sustainability*. Disponível em: <http://www.footprintnetwork.org/gfn_sub.php?content=calculator>. Acesso em: 04 out. 2007.

IKEDA, D.; HENDERSON, H. *Cidadania planetária: seus valores, suas crenças e suas ações podem criar um mundo sustentável*. São Paulo: Brasil Seikyo. 218 p. 2005.

INSTITUTO AKATU. *Pelo consumo consciente*. Disponível em: <http://www.akatu.net/central/noticias_akatu/2008/akatu-e-wal-mart-juntos-em-campanha-de-lancamento-da-201cecobag201d>. Acesso em: 02 jul. 2008.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO. 118 p. 2000.

_____. *A cabeça bem-feita*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 128 p. 2003.

_____. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina. 120 p. 2006.

ORR, D. W. *Reminiscências*. In: STONE, M. K.; BARLOW, Z. (Orgs.). *Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável*. São Paulo: Cultrix. 311 p. 2006.

REDE BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL – REBEA. Disponível em: <<http://www.rebea.org.br/>>. Acesso em: 02 jul. 2008.

REIGOTA, M. *O que é educação ambiental*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense. 64 p. 1994. (Coleção primeiros passos).

SAITO, C. H. *Política nacional de educação ambiental e construção da cidadania: desafios contemporâneos*. In: RUSCHEINSKY, A. (Org.). *Educação ambiental: abordagens múltiplas*. Porto Alegre: Artmed, 2002. p.169-173.

SATO, M. Isto não é um texto. *Revista Iberoamericana de Educación*, n. 40, jan./abr. p. 91-98, 2006, ISSN 1681-5653. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/rie40a03.htm>>. Acesso em: 30 jun. 2008.

SILVA, A. D. V.; MARCOMIN, F. E. A universidade sustentável: alguns elementos para a ambientalização do ensino superior a partir da realidade brasileira, 2009. *Revista Contrapontos*. Itajaí, v. 9, n. 2, p. 104-117 - mai/ago 2009. ISSN: 1984-7114. Disponível em: <<http://www.univali.br/contrapontos>>. Acesso em: 25 jun. 2009.

SINGER. P. *Ética Prática*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes. 399 p. 2002.

_____. *Libertação Animal*. São Paulo: Lugano. 357 p. 2004.

TOZZONI-REIS, M. F. de C. Educação Ambiental: referências teóricas no ensino superior. *Interface Comunic, Saúde, Educ*, v. 5, n. 9, ago. 2001, p. 33-50. ISSN 1807-5762. Disponível

em: <<http://www.interface.org.br/revista9/ensaio2.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2008.

TRISTÃO, M. *Educação ambiental na formação de professores: redes de saberes*. São Paulo: Annablume; Vitória: Facitec. 236 p. 2004.

UNIVERSIDADE GUARULHOS. Disponível em: <<http://www.ung.br>>. Acesso em: 02 jul. 2008.

WEISSMAN, A. *Revoluções Cotidianas: práticas e instituições para viver além do capitalismo na vida cotidiana*, 2006. Disponível em: <http://freegan.info/?page_id=227>. Acesso em: 02 jul.2008.

ANEXO 1

PESQUISA				
CURSO: _____	Calouro <input type="checkbox"/>		Formando <input type="checkbox"/>	
IDADE: 17 a 23 <input type="checkbox"/>	24 a 30 <input type="checkbox"/>	31 a 37 <input type="checkbox"/>	38 a 44 <input type="checkbox"/>	45 ou mais <input type="checkbox"/>
Lê rótulos dos produtos que consome antes de comprar?	Sim <input type="checkbox"/>		Não <input type="checkbox"/>	
Conhece a política de funcionamento da empresa que fabrica os produtos que consome?	Sim <input type="checkbox"/>		Não <input type="checkbox"/>	
Consome carne mais de duas vezes por semana?	Sim <input type="checkbox"/>		Não <input type="checkbox"/>	
Consome produtos orgânicos ou dá preferência a eles?	Sim <input type="checkbox"/>		Não <input type="checkbox"/>	
Sua alimentação é composta por mais de 50% de produtos industrializados?	Sim <input type="checkbox"/>		Não <input type="checkbox"/>	
Sabe a origem do produto que está consumindo?	Sim <input type="checkbox"/>		Não <input type="checkbox"/>	
Leva sua própria sacola ao supermercado?	Sim <input type="checkbox"/>		Não <input type="checkbox"/>	
Utiliza saquinhos de supermercado como saco de lixo?	Sim <input type="checkbox"/>		Não <input type="checkbox"/>	
Separa o lixo orgânico dos demais?	Sim <input type="checkbox"/>		Não <input type="checkbox"/>	
Organiza o lixo reciclável para coleta seletiva?	Sim <input type="checkbox"/>		Não <input type="checkbox"/>	
Entrega o óleo usado em frituras para o descarte correto?	Sim <input type="checkbox"/>		Não <input type="checkbox"/>	
Reutiliza recipientes plásticos ou de vidro?	Sim <input type="checkbox"/>		Não <input type="checkbox"/>	
Utiliza as lixeiras de coleta seletiva da faculdade?	Sim <input type="checkbox"/>		Não <input type="checkbox"/>	
Apaga a luz quando deixa o ambiente?	Sim <input type="checkbox"/>		Não <input type="checkbox"/>	
Utiliza baterias e pilhas recarregáveis?	Sim <input type="checkbox"/>		Não <input type="checkbox"/>	
Retorna baterias ou pilhas usadas aos fabricantes?	Sim <input type="checkbox"/>		Não <input type="checkbox"/>	
Utiliza escadas para pequenas distâncias em vez do elevador?	Sim <input type="checkbox"/>		Não <input type="checkbox"/>	
Fecha a torneira enquanto escova os dentes?	Sim <input type="checkbox"/>		Não <input type="checkbox"/>	
Você fuma?	Sim <input type="checkbox"/>		Não <input type="checkbox"/>	
Leva mais de 10 minutos para tomar banho?	Sim <input type="checkbox"/>		Não <input type="checkbox"/>	
Faz algum trabalho voluntário?	Sim <input type="checkbox"/>		Não <input type="checkbox"/>	
Sabe o que é “pegada ecológica”?	Sim <input type="checkbox"/>		Não <input type="checkbox"/>	
Sabe o que é desenvolvimento sustentável?	Sim <input type="checkbox"/>		Não <input type="checkbox"/>	
Participaria de um projeto de educação ambiental?	Sim <input type="checkbox"/>		Não <input type="checkbox"/>	
Como vem à faculdade? A pé /Bicicleta <input type="checkbox"/>	Dirigindo Carro /Moto <input type="checkbox"/>	Carona <input type="checkbox"/>	Transporte Público <input type="checkbox"/>	
Quem mais contribuiu para a aquisição de seus atuais hábitos ou conhecimentos ambientais?	Escola <input type="checkbox"/>	Faculdade <input type="checkbox"/>	Em casa <input type="checkbox"/>	
	Mídia <input type="checkbox"/>	Conversas informais <input type="checkbox"/>		

Obs: A presente pesquisa tem por objetivo traçar um perfil ambiental do acadêmico da Universidade Guarulhos. Nos termos da legislação vigente, os dados coletados serão utilizados estatisticamente em monografia de conclusão de pós-graduação, sendo assegurado o anonimato de todos os envolvidos.

Obrigada pela participação!